

CAMPO DE VISÃO:  
UM EXERCÍCIO DE ALTERIDADE



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES – IARA BELELI

MARCO AURÉLIO CREMASCO – MARIA TERESA DUARTE PAES

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

MARCELO LAZZARATTO

*Campo de Visão:  
um exercício de  
alteridade*

EDITORIA  
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

---

L459c Lazzaratto, Marcelo

Campo de Visão : um exercício de alteridade / Marcelo Lazzaratto. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2023.

1. Artes cênicas – Linguagem. 2. Improvisação – Representação teatral. 3. Campos visuais.  
4. Atores – Formação. I. Título.

CDD – 792

– 792.028

– 792.01

– 791.071

ISBN 978-85-268-1605-3

---

Copyright © by Marcelo Lazzaratto  
Copyright © 2023 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas  
neste livro são de responsabilidade do autor e não  
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.  
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp  
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar  
Campus Unicamp  
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728  
[www.editoraunicamp.com.br](http://www.editoraunicamp.com.br) – [vendas@editora.unicamp.br](mailto:vendas@editora.unicamp.br)

A Carolina Fabri, Marina Vieira e Pedro Haddad,  
pelo companheirismo, pelo talento e pela constância.



## AGRADECIMENTO

As experiências descritas neste livro se deram em sala de ensaio e em sala de espetáculo ao longo de muitos anos... ou seja, foram processadas e vivenciadas por muitas pessoas em idades e experiências distintas. A arte que escolhi fazer só existe em interação entre muitos. Gosto do coletivo, gosto do coro! O teatro promove diariamente o aprendizado da convivência, da troca e da partilha. Se regido pela alteridade será rico em complexidade. E por sentir que a cada dia aprendo desse modo um pouquinho mais sobre esse ofício, fica aqui meu profundo agradecimento:

a Carolina Fabri, Gabriel Miziara, Marina Vieira, Pedro Haddad, Rodrigo Spina, Tathiana Botth, Thais Rossi e Wallyson Mota, atores e atrizes da Cia. Elevador de Teatro Panorâmico, pela parceria e pelas trocas constantes – quantos mundos imaginamos e materializamos...;

aos cenógrafos, figurinistas, aderecistas, compositores, técnicos e produtores dos espetáculos aqui apresentados;

a Carolina Fabri, Daniela Alves, Manfrini Fabretti, Pedro Haddad, Rafael Zenorini e Wallyson Mota, pela contribuição textual a respeito do processo de criação de *Ifigênia*;

a Mauricio Schneider e Sofia Botelho, pelo convívio e pela troca criativa em *Ifigênia*;

às atrizes e aos atores d’Os Barulhentos e da Cia. Histriônica, pela dedicação e pela entrega criativa em *Diásporas*;

a Eduardo Okamoto e Rita Gullo, pelo convívio e pela troca criativa em *Tebas*;

a Cassiano Sydow Quilici, Elizabeth Bauch Zimmermann, Luiz Fernando Ramos, Narciso Telles e Ricardo Kosovski, pela leitura em primeira mão e pela análise deste texto – suas contribuições foram valiosas;

a Cassiano Sydow Quilici, pelo lindo e significativo prefácio;

e a João Caldas – orgulho em sempre ter o grande fotógrafo do teatro brasileiro a contribuir com seu olhar ao meu trabalho.

Com eles me expando porque me apresentam coisas tantas, coisas outras, coisas várias.



Ainda bem que sempre existe outro dia. E outros sonhos. E outros risos. E outras coisas. E outras pessoas. E outros amores.

William Shakespeare

O absolutamente Outro é Outrem; não faz número comigo. A coletividade em que eu digo “tu” ou “nós” não é um plural de “eu”. Eu, tu não são indivíduos de um conceito comum. Nem a posse, nem a unidade do número, nem a unidade do conceito me ligam a outrem. Ausência de pátria comum que faz do Outro – o Estrangeiro; o Estrangeiro que perturba o “em sua casa”. Mas o estrangeiro quer dizer também *o livre*. Sobre ele não posso poder, porquanto escapa ao meu domínio num aspecto essencial...

Emmanuel Levinas

Senta aqui ao meu lado e deixa o mundo girar; jamais seremos tão jovens.

William Shakespeare



# SUMÁRIO

PREFÁCIO – UM CAMPO ABERTO ÀS DESCOBERTAS .....	13
INTRODUÇÃO BREVE .....	17
PREÂMBULO.....	21
CAPÍTULO 1 – CAMPO DE VISÃO – REVERBERAÇÕES.....	23
<i>Mas o que é o “Campo de Visão”?</i> .....	25
<i>Uma questão de ênfase</i> .....	34
<i>Complexidade</i> .....	37
<i>Considerações do condutor</i> .....	69
CAPÍTULO 2 – IFIGÊNIA – QUANDO O MAR IMPROVISA SUAS	
ONDAS .....	77
<i>O entrelaçar entre tema e linguagem</i> .....	77
<i>O mar improvisa suas ondas</i> .....	80
CAPÍTULO 3 – O JARDIM DAS CEREJEIRAS E O CORPO-PAISAGEM ...	119
<i>O corpo-paisagem n’O Jardim das Cerejeiras</i> .....	139
CAPÍTULO 4 – DIÁSPORAS E O CAMPO DE VISÃO .....	143
<i>O Mar, a Montanha e o Deserto</i> .....	150
<i>A história passada e recente</i> .....	161
<i>Identidade cultural</i> .....	163
CONCLUSÃO – GERÚNDIOS COMO ARREMATE .....	167
<i>Tebas e o Campo de Visão – mito e contemporaneidade</i> .....	167
<i>A peste, a palavra e o teatro como contágio</i> .....	169
<i>O Campo de Visão e a palavra</i> .....	170
<i>Tebas – O espetáculo</i> .....	174

ANEXOS ..... 183  
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 187  
CADERNO COM AS IMAGENS COLORIDAS.....



PREFÁCIO

UM CAMPO ABERTO ÀS DESCOBERTAS

*Cassiano Sydow Quilici*

Um lance de dados jamais abolirá o acaso.

Stéphane Mallarmé

O trabalho do(a) diretor(a)-pedagogo(a) tem uma função primordial na constituição de uma cultura teatral vigorosa, constituindo-se como um fenômeno dos mais importantes da cena moderna e contemporânea. No teatro brasileiro, não são muitos os artistas que criaram e sistematizaram pedagogias criativas, voltadas tanto à formação de estudantes quanto aos processos criativos de encenações profissionais. Neste novo livro sobre o Campo de Visão – do encenador, ator, professor e pesquisador Marcelo Lazzaratto –, encontramos uma exposição generosa do processo de amadurecimento de um método que tem sido desenvolvido há mais de 30 anos. Um material precioso não só pela qualidade de suas proposições estéticas, como pelo testemunho de um trabalho que levanta uma série de questões essenciais sobre o que significa atuar e criar num panorama tão múltiplo de referências e caminhos para as artes cênicas, como o nosso.

Nascido de intuições iniciais de seu trabalho como ator, o Campo de Visão foi sendo aprofundado por Lazzaratto em várias frentes, incluindo sua atuação como docente do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp e como diretor do grupo que fundou, a Cia. Elevador de Teatro Panorâmico. Tais circunstâncias pedagógicas e profissionais permitiram uma pesquisa continuada, fator tão importante no aprofundamento e na consolidação da pesquisa em nossa área. Entre outras virtudes de pesquisador, Marcelo não se

dispersou na multiplicidade de temas e modas que, por vezes, seduzem nossos artistas, sabendo manter o foco num campo de investigação suficientemente aberto e flexível, capaz de acolher a singularidade dos participantes e questões emergentes do teatro contemporâneo. Criou, assim, um dispositivo “guarda-chuva”, capaz de dialogar de maneira rica e produtiva com uma multiplicidade de referências e contribuições.

A meu ver, um dos aspectos mais interessantes do Campo de Visão é seu sentido coral, que nos remete às próprias origens do teatro ocidental. Se, como queria Nietzsche, a tragédia grega nasceu dos ditirambos dionisíacos, retornar ao coro é também mergulhar na ancestralidade da poesia dramática, tomando-a como plataforma para a criação. Não é à toa que a bela encenação da tragédia *Ifigênia*, feita pelo grupo em 2012, tenha tido um papel tão importante no amadurecimento e na ampliação desse método. O interesse de Lazzaratto pelo teatro grego e pelas mitologias fundantes da cultura ocidental construiu referências fundamentais para um trabalho que busca lançar pontes entre aspectos arcaicos que a arte é capaz de mobilizar e os desafios contemporâneos.

Porém, nada disso seria muito eficaz se não se traduzisse na criação de procedimentos práticos, desencadeadores de experiências criativas. Nesse sentido, um princípio de trabalho do Campo de Visão é o da emergência das potencialidades pessoais sempre em conexão com o todo, com o corpo coletivo que nos constitui e atravessa, tornando-nos mais atentos à interdependência dos fenômenos. O cultivo desse tipo de consciência parece-nos fundamental numa época adormecida por um individualismo exacerbado, em que o isolamento narcísico dos indivíduos é intensificado pela identificação com as imagens midiáticas e pela superficialidade dos encontros. Daí a urgência de estratégias éticas e estéticas que operem com os níveis mais básicos da nossa percepção e da nossa relação com o mundo.

No Campo de Visão, a ação nasce sempre como uma resposta a algo que se apresenta no horizonte perceptivo do participante, estabelecendo-se um jogo improvisacional contínuo. Tais proposições estimulam a visão periférica e um fino sentido de sintonia com o espaço e o outro, retirando o sujeito do seu ensimesmamento. A ação não parte de um impulso individual, mas de um exercício de abertura exterior e interior que se desdobra na cena. O exercício da ação, tão central no paradigma dramático do teatro ocidental, deve nascer aqui de uma ampliação da percepção, sem a qual torna-se previsível e fechada. Nesse

sentido, o Campo de Visão afina-se com discussões teatrais contemporâneas que enfatizam categorias como “situação” e “acontecimento”, colocando em questão a qualidade da presença do artista em cena e enfatizando a importância da receptividade que precede à ação.

Além de nos apresentar a estrutura de cursos e oficinas, material de grande importância pedagógica, este livro se aprofunda no uso do Campo de Visão na criação de três espetáculos a partir de materiais dramáticos muito distintos. A confrontação com a tragédia *Ifigênia* conduziu o grupo a uma verticalização do estudo do coro, que se transforma na matriz de todas as ações que se apresentam em cena. Mais do que retomar aspectos específicos do teatro da Antiguidade grega, a questão que se colocava para o grupo era a da redescoberta da força coral nos tempos atuais, que “ultrapassa o estreito círculo da ação” (Schiller). O livro nos traz uma detalhada abordagem de todo o processo, incluindo o depoimento de vários participantes, o que enriquece muito a discussão e a documentação da montagem.

Já o trabalho com a peça *O Jardim das Cerejeiras*, de Anton Tchekhov, revela outras potencialidades do método, utilizado agora para a exploração das nuances não verbais e dos “subtextos” que caracterizam a dramaturgia do autor russo. A opção por uma cena mais interiorizada desloca o trabalho do Campo de Visão para a construção de atmosferas, gerando o conceito de “corpo-paisagem”. A elaboração dessa ideia propicia diálogos muito interessantes tanto com a escritora Gertrude Stein, e suas propostas de “peças-paisagem”, como com Fernando Pessoa/Bernardo Soares, do *Livro do desassossego*. Lembro, aqui, a importância da relação de Lazzaratto com o diretor Marcio Aurélio, da Cia. Razões Inversas, um dos poucos artistas brasileiros que se debruçaram sobre a obra de Stein. Outra importante referência artística na montagem de *O Jardim das Cerejeiras* é a artista plástica Mira Schendel, cuja obra *Ondas paradas de probabilidade* inspirou o belo cenário da peça. A descrição detalhada da montagem nos fornece um rico material de discussões sobre um corpo que não se separa da paisagem, colocando mais uma vez em xeque a ideia da cena como mero espaço de relação entre indivíduos.

O terceiro espetáculo, *Dísporas*, concebido e produzido entre 2014 e 2017, expressa um novo movimento “para fora”, um projeto de investigação da questão contemporânea dos fluxos migratórios, transformando a questão do espaço, base do Campo de Visão, num tema geográfico e geopolítico. A estratégia para

abordar a questão foi a criação de uma fábula, uma macronarrativa que pudesse expressar simbolicamente diferentes culturas no seu vínculo com paisagens distintas: deserto, montanha e mar. Destaca-se a magnitude do projeto, que reuniu 45 atores, muitos deles com passagens pelo próprio Elevador de Teatro Panorâmico. A encenação torna-se, assim, uma espécie de celebração da história do grupo e, também, talvez inconscientemente, uma reflexão sobre os fluxos migratórios e o nomadismo dos próprios artistas de teatro, num panorama cheio de incertezas e inseguranças como o nosso.

Sem mencionar explicitamente o conceito de “prática como pesquisa”, hoje bastante explorado na pesquisa acadêmica em artes da cena, pode-se dizer que Lazzaratto realiza um trabalho exemplar nesse sentido. A partir de uma série de projetos e ações pedagógicas e artísticas, vai construindo seus próprios conceitos e estratégias, sem negligenciar o diálogo com tradições e referenciais culturais e artísticos fundamentais da sua trajetória, mas sempre aberto a novas descobertas. É necessário insistir, mais uma vez, na importância da universidade e dos programas de fomento que forneceram condições mínimas de estabilidade e continuidade, para que a contribuição singular desse tenaz e talentoso artista e pedagogo pudesse se desenvolver.

Por fim, gostaria de destacar uma qualidade especial, que para mim caracteriza não só a obra, mas a própria pessoa do autor: a disposição sempre generosa de compartilhar seu trabalho e sua energia criativa. Isso se reflete na própria linguagem deste livro, que estabelece uma conexão direta com o leitor, sustentando a densidade da discussão sem se perder em academicismos e jargões. Trata-se de uma escrita encarnada, que expressa o envolvimento profissional e existencial de um artista apaixonado. Por isso, o “Lazza”, como é conhecido por amigos, colegas e estudantes, tem feito um trabalho tão importante de formação, criação e desenvolvimento de um pensamento original, coisa rara nos tempos que correm.



## INTRODUÇÃO BREVE

Este trabalho é mais um passo importante na pesquisa em interpretação teatral e linguagem cênica chamada “Campo de Visão”, que venho desenvolvendo há mais de 30 anos.

Estabelecendo, *grosso modo*, uma lógica amparada em décadas, posso nomear a primeira década dessa pesquisa como *caótica* – aquela em que as descobertas se davam na dinâmica do dia a dia sem muito senso, com frágil metodologia, regida pelo espanto. Sim, posso dizer que o espanto que sentia diante da potência do Campo de Visão me guiava a querer conhecê-lo ainda mais. E o aplicava em sala de aula meio sem jeito, seguindo a pura intuição.

A segunda década, posso talvez nomear de *organização* – nela, pude realizar a primeira sistematização, graças a um projeto de pesquisa de mestrado aprovado na Unicamp em 1999 e também à criação da Cia. Elevador de Teatro Panorâmico em 2000, que se tornou um terreno fértil e indispensável para essa sistematização e para novos desdobramentos que futuramente resultaram em meu doutorado – no qual procurei escavar a dimensão interior do trabalho do ator a partir do que até ali desenvolvia no Campo de Visão. Esse período se fechou com a consolidação da pesquisa e a publicação do livro de minha autoria *Campo de Visão: exercício e linguagem cênica*, de 2011.

A terceira década, talvez possa nomear de *reverberação* – quando pude estabelecer conexão com materiais dramatúrgicos clássicos e todos os seus imaginários constituintes, e, desse encontro, verificar, como em um duplo-contágio (conceito por mim cunhado no doutorado), o quanto o Campo de Visão reverberava naquelas estruturas e as redimensionava e, ao mesmo tempo, o quanto elas redimensionavam as dinâmicas, os procedimentos e as reflexões que até então vinha desenvolvendo, seja nos trabalhos de criação, seja

nos cursos, nas oficinas e nos *workshops* sobre ele que realizava; e também, década em que a pesquisa reverberou em maior quantidade e intensidade em pesquisadores, atores e *performers* que por ele se inseminaram.

O trabalho que aqui se apresenta é fruto dessa última década. Tornava-se imperioso colocar no papel as inquietações, as descobertas, os sutis redimensionamentos, as reflexões e os processos criativos desenvolvidos nos últimos dez anos. As demandas diárias de toda ordem muitas vezes nos impedem de parar e organizar o material processado. Entramos no redemoinho das produções artísticas e acadêmicas, sem contar as demandas da esfera pessoal, e nos privamos do tempo da caneta sobre o papel. Assim, ano após ano, fui me sentindo devedor para com o trabalho que eu mesmo realizava. Como a pesquisa é contínua, dez anos depois, o livro *Campo de Visão*, embora contenha todos os elementos fundantes do sistema, necessita de um segundo volume. Como ler sobre o Campo de Visão sem ter, por exemplo, acesso a detalhes da criação de *Ifigênia*, espetáculo cerne da pesquisa que veio a público em 2012? Espero que, com este trabalho, essa lacuna seja, dentro do que aqui é possível, superada!

Antes, porém, creio que seria importante destacar que essa pesquisa vem a cada ano reverberando cada vez mais tanto no âmbito artístico quanto no acadêmico. Posso mesmo dizer que ela já é uma referência para muitos artistas pesquisadores e aplicada em diversos processos de criação.<sup>1</sup> Capítulos de dissertações e doutorados, artigos em revistas especializadas e congressos já foram publicados por mim e por esses pesquisadores ao longo do tempo, ampliando o seu alcance. Isso para citar alguns que de certo modo estão e permanecem em minha mira de alcance, pois é comum chegar aos meus ouvidos a aplicação do Campo de Visão em lugares ignorados e por pessoas desconhecidas. Quando se põe um filho no mundo, do mundo ele é. Nos diversos cursos que realizo tanto no Espaço Elevador quanto em festivais,

---

<sup>1</sup> Desde 2006 ela se tornou objeto de estudo, investigação e uma referência significativa nos trabalhos de mestrado e doutorado de artistas-pesquisadores como a Profa. Dra. Marina Elias Volpi, da UFRJ; o Prof. Dr. Pedro Haddad Martins, da Unesp; o Prof. Dr. Robson Rosseto, da UFPa; o Prof. Dr. Rodrigo Spina de Oliveira Castro, da Unicamp; Carlos Doles Jr., Michele Gonçalves, Clara Rocha, Cristian Lampert, Ana Carolina Salomão; e nas pesquisas em iniciação científica de João Vitor Muniz da Silva, Paula Sauerbronn, Juliana Saravali Garcia e Mauricio Oliveira Correa Silva, além do artista-pesquisador português João Paiva, que a desenvolve na região de Coimbra, em Portugal.

universidades, instituições públicas e não governamentais como Sesc e Sesi, chegam pessoas de várias regiões do país interessadas em conhecê-lo e, quem sabe, aprofundarem-se em suas dinâmicas, e acabam por disseminá-lo no local onde vivem e trabalham. Posso mesmo dizer que Campo de Visão já está consolidado como um sistema criativo de trabalhos em improvisação cênica, mas essa consolidação nada tem a ver com trabalho concluído. Pelo contrário, o Campo de Visão é dinâmico e, como uma boa improvisação, nunca será totalmente equacionável. Sempre se revela em uma faceta insuspeitada, principalmente a mim, que trabalho com ele diariamente há tantos anos.

Este trabalho se articula em quatro capítulos e uma conclusão: no primeiro, apresento reverberações advindas dos processos criativos da Cia. Elevador e também dos cursos e experiências com outros coletivos com os quais pude trabalhar nos últimos dez anos; e também estabeleço conexões com alguns pensadores que, de certo modo, iluminam aspectos fundamentais do Campo de Visão. No segundo capítulo, apresento aspectos específicos do processo de criação de *Ifigênia*, espetáculo basilar da pesquisa. O terceiro é dedicado a *O Jardim das Cerejeiras*, processo em que o sistema serviu como fundo das estruturas cênicas, posso mesmo dizer como um contraponto estruturante da dinâmica. No quarto capítulo é a vez de *Diásporas*, espetáculo produzido com três companhias distintas e 45 atores em cena, todo ele criado em Campo de Visão. Por fim, na conclusão, apresento brevemente o atual estágio da pesquisa que em *continuum* vai estruturando o seu devir.

As palavras que a partir de agora estarão aqui impressas configurando este texto são palavras que, de alguma forma, tentarão aprofundar nosso encontro: o que ele me ensinou e ensina diariamente e o que eu nele descobri e delineei para que se fortalecesse, ganhasse seus contornos e pudesse ser transmitido. Uma troca verdadeira. Em nós não dá para saber ao certo quem criou o quê, se ele me formou ou se eu o engendrei assim, quem ensinou o que a quem, quem determinou esse ou aquele caminho. Do amálgama do muito fazer, muito falar, muito processar, muito ensinar, muito ver e ouvir tantos e tantos que estiveram em minha frente exercitando-o sob minha condução é que nos formamos. Ele e eu. Nosso nascimento é fruto de uma alteridade. Ele e eu.

